

Ensaio Crítico

O ESTERTOR DA MODERNIDADE

Antonio Amaro Pereira

Usando como base o livro de Alain Touraine, um sociólogo francês que transita tão bem na Sociologia quanto na História e na Filosofia, buscamos fazer uma crítica à modernidade.

Procuramos colocar os pensamentos filosóficos que permearam a Idade Média até os nossos dias.

A Modernidade, que veio para retirar o homem da escuridão acabou por isolá-lo, colocando-o numa solidão pelas deformações de seus objetivos. O homem que vivia nas trevas acabou ofuscado pelo excesso de luz.

A Modernidade, com sua razão instrumental, acabou substituindo a idéia de Deus pela Ciência, o que parecia apenas um pragmatismo, acabou transformando-se em uma nova metafísica. Hoje se tem a impressão que essa seja capaz de resolver todos os problemas e se apregoa sua onipotência aos quatro cantos.

Durante o processo de instauração da Modernidade, que Touraine chama de Modernidade Clássica, o indivíduo se confundia com o Estado, isto foi levado ao extremo de tal maneira que veio a provocar uma nostalgia do Ser. O homem perdeu a sua identidade, acabando por se imiscuir tanto às questões sociais que esqueceu seu *eu*. Esse fato acarretou todo um problema ao homem, que por inculcar as culpas que acabaram de forma inexorável, se instalando no indivíduo, vai perder-se.

Platão diz que a alma é da ordem do divino e ela só se sente em casa quando é auto-reflexiva, quando está a contemplar as idéias: quando embotada pelos sentidos, que é o suprasumo do mundano, acaba por vagar bêbada, perdida, desnorteada, tateando os arremedos de idéia do que é feito o mundo. Parece que esta foi a situação que ficou o homem com o advento da Modernidade. As coisas mundanas passaram a ter valor maior, o consumo passou a ser referenciado como forma de *status* social e a vida passou a valer pelos bens materiais adquiridos ou desejados, passando o indivíduo a ser mera peça da engrenagem, apenas um número.

O próprio *cógito* cartesiano coloca a existência só e só na razão. **Penso, logo existo**; só existe quem pensa logicamente, a desrazão, ou o pensamento emotivo não é próprio da existência, então ou penso de forma lógica e existo ou penso emotivamente e não existo.

Como toda energia contida um dia vem à tona, o homem acaba tendo problemas, pois não se trata de uma máquina. As três principais vozes discordantes deste estado de coisa são Marx, Nietzsche e Freud. Cada um ao seu modo procura mostrar as falhas, as contradições do sistema que levou o homem ao desespero.

Apesar da denúncia dos três pensadores, o processo modernizante continuou a massacrar o homem, assumindo proporções violentas nos dias atuais.

O objetivo deste artigo é mostrar como Touraine analisa esta questão.

A Decomposição da Modernidade

A grande questão da Modernidade é definir a palavra racionalização; ela tanto pode ser maravilhosa quando se refere ao espírito crítico e científico, porém terrível quando designa o Taylorismo ou outras formas de trabalho que violam os direitos elementares dos trabalhadores, submetendo-se ao cientificismo sem preocupar-se com o aspecto humano que envolve todo o relacionamento, onde apenas o lucro é visto como fim último.

Na verdade a Modernidade veio tirar o homem da escuridão, do imobilismo, porém o colocou numa luz ofuscante, num barulho ensurdecedor, colocou o homem como um número, perdido na multidão e se antes o homem não recebia nenhuma informação, hoje vive bombardeada por elas, sem mesmo saber o que fazer ou qual delas são importantes. Antes o homem gostaria de transformar a sua comunidade em uma sociedade em movimento, hoje ele busca se desgarrar da multidão e da propaganda.

Alguns homens tentam evitar a Modernidade mais já não existe lugar pré-moderno e o *bom selvagem* só existe nos livros de Rousseau, o que resta é reservatório de mão de obra, de matérias primas, lixos tanto os resquícios da industrialização quanto os culturais.

Esse esgotamento do modelo de Modernidade é irreversível. Ela veio muito rápida, acelerou progressivamente e tudo que anda muito rápido acaba causando náuseas, terminando por causar vertigens que tendem ao imobilismo.

Horkheimer denuncia a degradação da razão objetiva na razão subjetiva, ou seja, a visão racionalista do mundo em uma visão puramente técnica, onde a racionalidade é colocada a serviço das necessidades. Horkheimer e Adorno vão chamar tudo isso de *A Eclipse da Razão*.

A Modernidade, segundo Weber, rompe a aliança entre o céu e a terra, isto elimina a magia, os mitos destruindo as cosmologias racionalistas pondo fim ao reinado da razão objetiva. A razão instrumental está definitivamente implantada. O Deus que suprime a Modernidade é muito mais o Deus criador de um mundo inteligível que o Deus dos sacramentos e dos padres.

O desencanto com a Modernidade leva os grandes intelectuais racionalistas a terem um surto de nostalgia da razão objetiva que nunca mais vai curar-se. Horkheimer é um destes intelectuais desencantados no que acabou desembocando a razão instrumental e ligado que estava com os judeus europeus, a destruição da cultura alemã acabou por, juntamente com seus colegas da Escola de Frankfurt, tornar-se um pessimista, um trágico. O marxismo é que vai dar certo conforto as suas esperanças descoloridas.

A modernidade aparece como um instrumento de controle, de integração e de repressão; não se trata de infringir as ordens do policial, mais de acreditar nelas, de ajustar os sentimentos e seus desejos às regras do êxito social. Foucault vai dizer que ela está mais carregada de poder que de racionalização. O pensamento social está mais preso à Modernidade do que ele desconfia.

Touraine crê que esta Modernidade está se decompondo e os filósofos dessa decomposição são Marx, Nietzsche e Freud.

A Modernidade estaria decomposta em quatro fragmentos: A sexualidade (seria a destruição do ego); o consumo (hoje desenfreado); a empresa (seria um agente social) e a nação (seria uma luta contra a modernidade).

A sexualidade e a nação seriam da ordem do Ser (individual e coletivo), o consumo e a empresa seriam da ordem da mudança (individual e coletivo).

Touraine vai dizer que os fragmentos da Modernidade trazem a Modernidade em si, tudo é moderno e antimoderno, a Modernidade é autocrítica e autodestrutiva. Os fragmentos ainda estão unidos pela razão instrumental (técnica), pois sem eles estariam em conflito, reivindicando sua superioridade entre os demais.

O irracionalismo seria a fragmentação da Modernidade, que acarretaria o caos.

A Destruição do Ego

Para Touraine Marx, Nietzsche e Freud, cada um da sua forma detona a Modernidade, colocando o eu como mais importante. Após o pensamento destes filósofos a Modernidade nunca mais foi a mesma e os homens tiveram que repensar todo este processo, toda esta *razão superior* que se dava ao cientificismo, à produção, ao lucro desvairado. É evidente que este pensamento não brota do nada, a Modernidade já esgotada, já tinha utilizado todos os recursos para se manter hegemônica e acabou se deteriorando pelas suas próprias contradições.

Marx

Marx prega a ruptura entre o capital e o trabalho, diz que o operário acaba se transformando em mercadoria na mão do capital. A isto ele chama de Alienação do trabalho, segundo o filósofo, desta alienação vai derivar todas as outras formas de alienação: Política, Religiosa, etc. Para ele a única forma de se libertar deste estado de coisa é através da luta de classes, cabendo aos intelectuais com os seus conhecimentos da história desvelar essa ideologia, fazendo com que o proletariado tome consciência e tome o poder, para por fim acabar com a luta de classe.

Para Marx a explicação das condições em que se encontra o mundo está no modo de produção, na estrutura econômica que em última análise determina as relações sociais. Na produção social de sua existência, os homens entram em relações determinadas e necessárias,

independentes de sua vontade. O conjunto das relações constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política. O que vai determinar esta ruptura é a contradição entre a história natural da humanidade e a dominação de classe.

O capital remunera o trabalho somente com o mínimo essencial para ele substituir, impedindo a acumulação, eternizando a dominação:

“ A Alienação do trabalho faz com que o operário se torne mais pobre quanto maior é a riqueza que produz, quanto mais a sua produção cresce em potência e extensão. O operário torna-se mercadoria mais vil quanto maior é a quantidade de mercadoria que produz...”

História da Filosofia p. 194

A filosofia marxista fez história entre os intelectuais, principalmente devido à truculência do capitalismo que aliado ao Estado, esmagou os atores sociais e a democracia, deixando somente como alternativa a luta entre o trabalho e a produção e a produção, contra a violência e o lucro.

Importante salientar que apesar de lutar contra a Modernidade, o pensamento de Marx é um pensamento social, não cabendo de forma alguma uma concepção individualista na sua filosofia.

Schopenhauer

Schopenhauer é um grande contestador da Modernidade, da razão instrumental, falando mesmo que o capitalismo brutal é “esteticamente uma taberna cheia de bêbados, intelectualmente um asilo de alienados e moralmente um covil de bandidos”. O filósofo dizia que esta razão instrumental está desligada das forças da vida, do corpo e do desejo que é o grande impulsionador do homem. O homem é infeliz porque está dividido entre o desejo de viver cosmicamente e o movimento que o arrasta a individuação.

Ele vai buscar a solução no aniquilamento do desejo individual, seria um nihilismo ascético, próximo do budismo do qual ele era adepto. Há sem dúvida nesta filosofia uma crítica à razão instrumental que levou o homem ao egoísmo. Ataca tanto o ego que estaria impregnado de ilusão, como a ordem social que serve somente de proteção para os apetites egoístas; porém Schopenhauer não constrói o sujeito uma vez que ele se perde num individualismo transcendente, estático e limitante.

Nietzsche

Inicialmente Nietzsche se apropria dos conceitos de Schopenhauer, principalmente no que concerne à sua crítica ao tecnicismo e ao egoísmo provocado por ele, porém Nietzsche vai mais longe que seu antecessor, ele destrói a metafísica atacando logo o cerne da questão, ou seja, Deus. Nietzsche sabe procurar bem seus inimigos.

Quem anuncia a morte de Deus é um louco, um irracional, somente a irracionalidade é antagônica à razão instrumental e onde ele faz o anúncio? Na Ágora local onde Sócrates ensinava, ou seja, na gênese da razão instrumental.

Ao anunciar a morte de Deus, ele anuncia o fim da metafísica e, por conseguinte o fim da ciência, que o filósofo coloca no mesmo nível. Nietzsche substitui o Ser estático pelo devir, busca na ação a construção do Ser, retirando qualquer possibilidade do Ser se realizar nesta concepção de mundo existente, diz mesmo que “a Ciência pela ciência é a última das grandes metafísicas”. O homem tem que transpor o homem, tem que aniquilar o homem, para que destes destroços nasça o *Além do homem*.

Nietzsche ataca todo o pensamento moral de Kant e apregoa uma amoralidade:

“Eu vos digo: é necessário ter um caos em si para poder dar a luz “a uma estrela e uma estrela bailarina”

Assim Falava Zaratustra p.29

Toda a consciência está impregnada desta razão instrumental, quando não de um reducionismo religioso, daí a necessidade da transmutação deste homem da *má-consciência*, para abrir caminho para o *Além do homem*.

O egoísmo que a Modernidade carrega em seu bojo é alvo dos ataques de Nietzsche, apregoando a virtude desinteressada como contra ponto a este egoísmo:

“A mais rara virtude é rara e inútil: é resplandecente e de um brilho doce. A virtude dadivosa é a mais alta virtude.”

Assim falava Zaratustra PP 102

Nietzsche então vem para resgatar o sujeito, que para ele tem que ter um amor vital capaz de vencer toda a resistência que historicamente impregnou o homem, desde Sócrates que com seu psicologismo destrói o espírito livre e guerreiro do grego.

Amor fati, diz Nietzsche, só isso será capaz de resgatar o homem, para um futuro promissor. O amor à vida, independente de como ela se comporte, buscando a complementaridade do Ser, num devir inexorável; assustadoramente individual. Cria alegoricamente o Eterno Retorno do Mesmo, dizendo para o homem viver cada segundo da vida com intensidade de tal forma que ele retornará sempre e eternamente da mesma forma que sempre foi.

Nosso filósofo é um nostálgico, sua forma de repudiar a modernidade é a nostalgia do ser e um apelo ao nacionalismo. Seus ataques ao povo alemão e seu pseudo-desprezo a Alemanha, nada mais são que uma prova de amor profundo à nação, porém não se confunda isso como um precursor do nacional-socialismo.

Nietzsche só vai ser compreendido após o seu desaparecimento e não totalmente, talvez com a pós-modernidade é que ele será completamente entendido. Ele é um dos causadores do sangramento da modernidade, ferida essa que não cicatrizou jamais. Sua filosofia preocupa-se com o indivíduo, sem dar ênfase ao individualismo. A salvação estaria na ordem do individual e não do coletivo, muito parecida com a “salvação” preconizada pelo cristianismo.

Freud

Freud seria a terceira pilastra da desconstrução da modernidade proposta por Touraine.

Freud e sua teoria psicanalítica rompem definitivamente com a modernidade, dizendo que o homem é habitado por instintos que criam necessidades, tensões e que o organismo necessita se satisfazer para voltar ao estado de equilíbrio. O prazer é a satisfação do desejo.

Freud se aproxima de Hobbes quando fala de agressividade e da guerra de todos contra todos. A lei se opõe ao instinto. A lei não permanece exterior ao indivíduo, ela entra nele, governa-o parcialmente ao mesmo tempo se instala nele a culpabilidade que nasce da resistência do desejo à lei.

Freud tenta resgatar o sujeito a partir da relação com o outro e das relações entre o desejo do objeto e a relação consigo. Faz nascer o indivíduo num mundo secularizado, onde ele corre o risco de ser esmagado.

A vertente crítica do pensamento freudiano é a destruição do ego, da consciência do caráter repressivo da ordem social.

A Sociologia do Final de Século

A Sociologia nasce pessimista e pertence ao fim do século e tal qual os pensadores irracionistas desconfia da modernidade, do espírito das luzes,

Durkheim, um dos pais da sociologia contemporânea, era conhecido como “Schopen” por seus alunos, alusão a Schopenhauer ou ao seu combate ferrenho à concepção utilitarista do contrato social. Apóia-se na idéia do homem duplo: o mundo das representações (sociedade) se opõe a vontade e ao desejo. Ele diz que a sociedade contemporânea dita regras cada vez mais difíceis de superação pelos homens, que essas regras impostas como regras morais faz com que a razão triunfe sobre o desejo, aproximando-se de Freud.

Como Hobbes e Schopenhauer, Durkheim também considera o homem egoísta, achando que somente o contrato e a idéia de justiça são capazes de frear as forças de destruição, porém quanto mais avançada a modernidade, mais se distancia a felicidade, mais aumenta a insatisfação a as frustrações.

A Sociologia nasce também para destruir a modernidade, a vitória do capitalismo impõe a ruptura da imagem suave racionalista do homem.

O racionalismo bruto é resultado da somatória da vontade de lucro, do poder, da guerra de mercado, das exigências com os trabalhadores.

O que fica explícito para Touraine é que a partir de Nietzsche e Freud o indivíduo deixa de ser concebido apenas como um trabalhador, um consumidor, ou mesmo um cidadão, deixa de ser unicamente um Ser social para tornar-se um Ser do desejo, habitado por forças impessoais e linguagens, mas também um Ser individual e privado.

A Nação, A Empresa e O Consumidor

A nação é um baluarte na luta contra a modernidade. Quanto mais um Estado está longe da modernidade, tanto mais nacionalista ele é, só abrindo parte da mão à modernidade em benefício da produção e de um consumo internacionalizado.

As nações se definem muito mais por uma cultura do que por ações econômicas.

Quanto a Empresa, antes elas tinham medo de aparecer para evitar ligar o seu nome à clássica luta de classes; hoje, porém, a Empresa assume sua função modernizadora, onde ela é definida militarmente, se assumindo como um agente da modernização.

Quanto ao Consumo, na modernidade clássica era concebido como divisor de águas entre as classes sociais; quanto maior o consumo, ou melhor, o seu gosto, maior a sua escala social. Hoje o consumo assumiu um caráter irracional. O homem moderno entregou-se ao “leviatã”, assume o contrato para viver em uma paz social transformando o guerreiro em cidadão, a violência em lei, etc., embora o discurso ainda exista, hoje sabemos que o homem tem medo igual da violência e da solidão.

Os intelectuais, por sua vez, mantêm com o modernismo uma relação de amor e ódio, defendendo para o mundo colonial, as revoluções separatistas e nacionalistas, apoiando posteriormente regimes que se mostram autoritários. Após 1968 eles vão renunciar a essas regras, denunciando os regimes autoritários, tornando-se então críticos ferrenhos da modernidade.

A Escola de Frankfurt

Essa escola estabelece a maior crítica que se conhece sobre a modernidade em todo o seu aspecto, não reconhecendo nenhum ator histórico: nem proletariado, nem o partido.

Horkheimer vai criticar a razão instrumental dizendo que ela fez com que a ideologia superasse o espírito. O individualismo é o inimigo da razão, forma fundamental do ser. Antes a razão era própria do ser, porém com o advento da modernidade, o sujeito individual, separado desta razão, cai sob a dependência do poder político ou econômico, tornando-se seu refém; o individualismo escraviza o sujeito ao poder sem que ele se dê conta disso. Horkheimer prega o desenvolvimento total do indivíduo para a sociedade também possa atingir sua plenitude, proclamando um retorno à Polis Grega, livre da escravidão.

A cultura sofre a sua maior crítica com os componentes dessa escola; vão dizer que a cultura de massa é um instrumento de repressão e não de sublimação.

No início, Horkheimer pensa como Marx, ou seja, que o trabalho e a produção farão triunfar a “razão” em oposição ao lucro capitalista, diz que a história política é que eliminará os obstáculos sociais para a vitória da racionalidade. Porém com a derrota do proletariado alemão e a ascensão do nazismo e posteriormente a troca pelo stalinismo, o tornam, extremamente pessimista, isto define a teoria crítica como uma renúncia, a teoria positiva da liberdade e da libertação.

O tecnicismo apenas aparenta trazer a liberdade, quando de fato está acorrentando-a. A única saída possível é o “pensamento”, através dele o homem poderá libertar-se. Nem a moral, nem o direito, nem a arte escapam a esta decomposição; só o pensamento como capacidade de problematizar, pode escapar à influência do poder, o que retira qualquer esperança pelos menos capacitados intelectualmente. O que vemos aqui é um retorno ao “Mito da Caverna” de Platão.

Com o advento do nazismo e posteriormente do stalinismo, toda a esperança da libertação se esvai. O intelectualismo fica órfão e na impossibilidade do militantismo os covardes se unem ao poder (stalinismo) contra o verdadeiro proletariado e os mais corajosos caminham para um pensamento mais voltado para o social de uma forma mais estética que política.

Com o fim do nazismo e um stalinismo prolongado seguido de um maoísmo, os intelectuais, sobretudo os europeus, se vêem divididos em dois níveis de raciocínio, que seria a recusa de apoiar a queda do muro de Berlim, com o consumismo como senhor das ações, uma crítica ferrenha a todo esse estado de coisas para transformar este modelo de sociedade; ou apoiar definitivamente o neoliberalismo, aderindo definitivamente ao mercado.

Foucault

Foucault rejeita a idéia de um poder central instalado, ele diz que o poder está em toda a parte e em lugar nenhum, que a organização social é regida pelo exercício do poder. O poder é normalização e é o conjunto da sociedade que coloca constantemente em ação este mecanismo, produzindo cada vez mais a separação entre o normal e o anormal, entre o sadio e o patológico, o permitido e o proibido, o central e o marginal. O poder é o conjunto de enunciado produzido de maneira autônoma em todas as instituições. Aqui ele vai aproximar-se de Tocqueville que diz que numa sociedade moderna e democrática, ao libertar-se da monarquia absoluta corre o risco de ser escrava da opinião pública, que é conservadora e desconfia das inovações tanto quanto das minorias ou das idéias e condutas que ameaçam a ordem estabelecida.

Foucault acrescenta que a ascensão do sujeito e da ética através da história, se dá na medida em que ele se reconhece como um sujeito sexual. Com o judaísmo-cristão a cultura torna-se mais repressiva levando o homem a sujeição. O sujeito foi criado pelo conjunto de mecanismo da microfísica do poder, ou seja, pelo mecanismo objetivante da normalização.

Influenciado por Marx, Foucault diz que na sociedade quando alguns elementos não estão de acordo com as normas são encerrados em prisões (delinquentes), em hospitais (doentes), internatos (alunos), fábricas (operários), por conta de uma classe dirigente que transforma a sociedade em exercito industrial com um comando autoritário. Há a normalização, mas há

também a repressão. Descarta-se o aluno e o trabalhador lento (desempregado) antes de serem colocados em estabelecimentos especiais como anormais.

A mesma instituição que pune é a que procura, paradoxalmente, produzir sujeitos autônomos, guiados por uma consciência. Este modelo é também o gerador de revoltas e revoluções. A normalização e a objetivação do homem produzem o “si-mesmo” (Self) enquanto que o eu se constitui por resistência.

Em “Vigiar e Punir”, ele coloca que pelo fato do poder não estar bem identificado, retira qualquer possibilidade de luta direcionada, restando somente a marginalização (contra a sociedade) ou a contra cultura, o que Touraine vai discordar, contra argumentando, dizendo que a revolta dos marginalizados, comparada aos dos desempregados, se define com a não relação, cujos objetivos são concretos e não uma relação de poder, portanto a sociedade apenas se sensibiliza com o problema. Estes marginalizados (reclusos ou não) não podem ser atores centrais da história como quer Foucault.

A grande contribuição de Foucault é a de ter resgatado o sujeito, fazendo verdadeiro trabalho “arqueológico” da história, reconstruindo o sujeito moderno peça por peça, o que o coloca como uma das pilastras do movimento estruturalista, do qual ele não gostava de ser associado. Terminando por afirmar que a própria construção do sujeito será o causador de seu desaparecimento.

Os Intelectuais e a Modernidade

Touraine coloca que a bipolarização entre os tecno-burocratas e os intelectuais humanistas, dizendo que com a prosperidade dos EUA e do Japão, posteriormente da Europa, nós vemos um enfraquecimento dos intelectuais, pois suas “verdades” que contestam a sociedade caem em descrédito com a vitória do neoliberalismo, deixando-os perdidos. Touraine diz que a

causa disto é a fé que os intelectuais tiveram no iluminismo com a sua decomposição desestruturando todo o arcabouço filosófico que sustentavam suas convicções.

Resta aos intelectuais redefinir a Modernidade para que possam escapar da “perda de sentido” das suas elaborações, passando a estudar a existência de novos atores sociais neste novo milênio que já nasce agitado por problemas.

O Mercado e o Gueto

O “liberalismo libertário” proclamado pelos americanos nada mais é que o fascínio da ação liberal extremada, abraçada por antigos intelectuais esquerdistas, que fazem o elogio do efêmero, do vazio. Não é possível esquecer que esta sociedade, reduzida a sua instrumentalidade, a estratégia de seus dirigentes, é também uma sociedade selvagem onde os abandonados à própria sorte têm cada vez menos chances de retomar o rumo, as desigualdades sociais aumentam.

Os novos rumos do antagonismo Direita X Esquerda tomam um novo sentido; a direita capitaneada pelos donos da produção do consumo e da comunicação defende os de frente (não mais os de cima) enquanto que a Esquerda defende os excluídos, os não consumidores, o grande problema é que a Esquerda já não fala mais para uma maioria e sim para uma minoria.

Esse liberalismo extremado é a forma dominante da nossa sociedade neste início de século, hoje a luta não é mais ideológica, mas sim por dinheiro. A sociedade já não pensa, mas desconfia de grandes idéias que possam perturbar o seu pragmatismo. O que existe é um grande mercado que rodeia um gueto, onde a inovação e o movimento circundam os bolsões de exclusão, uma sociedade fragmentada onde o grande modelo são os EUA.

Nos países periféricos a situação assume proporções desesperadas, na medida em que as riquezas são escassas, o número de excluídos aumenta assustadoramente, afastando ainda mais dos “consumidores”. Isso acarreta uma situação de “patologia social”, onde o que resta a nível de contestação é a violência generalizada. Aos pobres impossibilitados de entrarem na sociedade de consumo, resta-lhes como alternativa a integração em gangues marginais ou gangues étnicas.

A vida social transformou-se em uma maratona, alguns lutam para vencer a competição, muitos se esforçam para permanecer no grupo, outros tremem ao pensarem em ser afastados e deixados à própria sorte, outros ficam pelos caminhos, exauridos. Passamos dos conflitos sociais às esperanças, ou ao desespero associado à agilidade das mudanças.

Pós-Modernidade

A modernidade afirmava que o progresso da racionalidade e da técnica, não só liquidavam as crenças, os costumes e os privilégios herdados do passado, mas também criava conteúdos culturais novos. Libertou da culpabilidade imposta pela religião, o indivíduo moderno uniu os prazeres do corpo com o espírito. Agora o homem hábil, sensível e inteligente. Esse discurso não resistiu muito, bastou perceber-se que esse *Éden* não era para a maioria, ele desmoronou.

A modernidade com o *cogito* cartesiano, coloca a razão num patamar divinizado. O “penso logo existo”, retira a possibilidade da desrazão; só existe quem pensa logicamente, o espaço para o pensamento emotivo perde *status*.

A pós-modernidade nasce com a desconstrução do sujeito, com a intervenção de Marx, Nietzsche e Freud; mormente com Nietzsche que preconiza a destruição do reino da técnica e de toda esta racionalidade desenfreada.

Agora a experiência e a linguagem substituem projetos e valores, a ação coletiva perde toda a existência, a história perde o sentido.

Está preparado o campo para a Reconstrução!

Considerações Finais

A modernidade trouxe uma nova maneira do homem se apropriar do mundo. Em tese ela libertou os homens das amarras da ignorância, o que em primeira instância é extremamente salutar. O que não foi levado em conta foi o egoísmo humano, a vontade de poder que todo

homem carrega em menor ou maior proporção. O individualismo acabou matando o indivíduo. A modernidade acabou se mostrando para poucos, a maioria ainda continua nas trevas; o que é pior é que se trata de trevas num momento de extrema luminosidade.

Platão com o seu “Mito da Caverna” já nos falava do lusco-fusco, das meias verdades, via de regra são mais perniciosas que a mentira, pois acabam tornando-se dogmas. Nietzsche, num arroubo platônico, nos legou um aforismo que acaba definindo bem essa questão: *o dogma está mais longe da verdade que a mentira.* (NIETZSCHE, s/d)

O que vemos nos dias atuais são meias verdades apregoadas de forma a serem aceitas sem contestações, levando o homem de boa fé a se contentar com as migalhas que acabam sobrando do banquete eterno de uma casta de homens que se apropriaram da razão e transformaram a Ciência num Deus mais poderoso que o religioso, pois este era dividido salomonicamente entre as mais variadas religiões e seitas, cada qual achando o seu melhor e mais poderoso, porém a Ciência é um Deus maior, aceito por todos, igual para todos.

A modernidade prometeu muito e cumpriu pouco. Os homens fizeram um pacto com ela, cumpriram detalhadamente cada item do pacto, entrando em conflito consigo mesmo, carregando e pagando as culpas. A modernidade não cumpriu a sua parte, a felicidade não foi para todos, pelo contrario, foi para uma minoria. A maioria foi abandonada. Uma vez quebrado este pacto, está aberta a possibilidade para a violência.

O homem já não crê nesta modernidade, portanto seus compromissos no pacto estão nulos, agora ele pode deixar aflorar o seu ego, agora seus desejos podem ser satisfeitos, ele não tem mais nenhum compromisso com essa sociedade que o renegou, pode à seu bel prazer satisfazer seus desejos, seus instintos; volta a ser o animal, racional é verdade, mas não aquela razão instrumental, a razão subjetiva, aquela que quer o bem do homem que Nietzsche tanto falou, porém deformada pelo revanchismo de se sentir abandonado pela modernidade que ele tanto defendeu. Esse é o perigo que o homem do século XXI corre, de “vulgarizar” a violência, ou de tornar a violência a única válvula de escape de suas frustrações.

A modernidade trouxe em seu bojo esse problema para o homem, tanto o social quanto o pessoal, agora cabe à pós-modernidade achar as soluções, achar o remédio para esses males.



Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano III - Nº V- Jun/ago de 2009 - ISSN 1982-646X

Bibliografia

- DESCARTES, Rene. O Discurso do método. Rio de Janeiro: Ediouro, S/Data
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979
- _____. Nietzsche, Freud e Marx. São Paulo: Princípio, S/Data
- _____. Vigiar e Punir. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009
- NIETZSCHE, Friederich. A Gaia Ciência. Lisboa: Guimarães Editores, S/Data
- _____. A Genealogia da Moral. Rio de Janeiro: Ediouro, S/Data
- _____. Assim Falava Zaratustra. São Paulo: Logos, 1954
- PLATÃO. A República. São Paulo: Nova Cultural, 2001
- REALE, Giovanni e ANTISERI Dario. História da Filosofia Vol. III. São Paulo, Ed. Paulíneas, 1991
- SCHOPENHAUER, Arthur. Dores do Mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, S/Data
- TURCKE, Christof. O Louco, Nietzsche e a Mania da Razão. Petrópolis: Vozes, 1996



Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano III - Nº V- Jun/ago de 2009 - ISSN 1982-646X
